



O conflito como base estruturante das narrativas das agências internacionais

Siliana Dalla Costa¹.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Resumo: Este artigo investiga a hipótese de que o “conflito” é parte central dos despachos diários feitos pelas agências de notícias e, embora seja uma categoria analítica do jornalismo, estrutura o noticiário internacional a partir de narrativas carregadas de sentidos ocultos e enquadramentos pretenciosos. Por tratar-se de um macro-valor-notícia, do qual derivam outros micro-valores-notícia (guerra, protestos, rivalidade, briga), o conflito é tomado pelas agências noticiosas mais como um pressuposto não materializado do que como um valor-notícia. Assim, a cobertura jornalística de agências demarca e institui a realidade do mundo sob uma visão distorcida. A análise empírica recai sobre conteúdos produzidos por agências noticiosas e publicados nas seções de internacional dos webjornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em um período de quatro semanas compostas.

Palavras-chave: conflito; agências de notícias; narrativas jornalísticas; valores-notícia; jornalismo internacional.

1. O conflito enquanto valor-notícia

Nem sempre a compreensão do valor-notícia conflito está clara na literatura. Categoricamente ele encerra valor de negatividade, assim como a tragédia, o crime e o dra-

¹ Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação (PPGJor) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: siliana@me.com

ma. Ao se tornar notícia para a editoria de internacional, em sua maioria, ele vem carregado de uma característica comum: a violência, que transforma os conflitos em guerras. Dentro desta realidade há mais apelo que a paz, porque sugerem imagens mais impactantes, criam imaginários, lidam com sentimentos mais intensos e, ao mesmo tempo, fragmentam e negam a própria complexidade. A guerra é o próprio conflito.

A falta de um estatuto mais denso que um simples valor-notícia permite que o conflito seja interpretados de diversas formas. Traquina (2005, p. 84), por exemplo, identifica o conflito como violência física ou simbólica: uma disputa verbal entre líderes políticos, mas não desenvolve o conceito. Wainberg (2005) acrescenta apenas que a violência política é um tipo especial de notícia. Por outro lado, o autor desenvolve a ideia de que a violência, sempre carregada de “riqueza” visual, é, talvez, o principal estimulante para o uso do conflito no noticiário internacional e que o terrorismo, um dos principais assuntos retratados na editoria, tem como efeito mais frequente o medo. Assim, a cobertura do jornalismo internacional focada na crueldade justifica-se pelo desejo de “agregar valor dramático à crônica diária que faz do mundo” (WAINBERG, 2005, p. 14). O alto número de mortos, feridos e principalmente inocentes nos atos terroristas permite à editoria internacional a produção de espetáculos graves, surpreendentes e inesperados. Ainda, de acordo com Wainberg (2005), a violência conquista com facilidade a audiência.

Em outros autores, o conceito aparece relacionado a valores como desvio ou infração. Alguns incluem o conceito na categoria negatividade, que tem relação com a anormalidade ou quebra da estabilidade. Os eventos negativos seriam mais demarcados e significativos e, por isso, mais facilmente apreensíveis pelos jornalistas, como apontam os pioneiros nos estudos de valores-notícia, Galtung e Ruge (1993). Gitlin (1980, p. 15) enfatiza que as notícias privilegiam o conceito e, ao destacar o desvio, os profissionais apoiam implicitamente as normas e os valores da sociedade.

A hipótese deste artigo sugere que o conflito é parte central dos despachos diários feitos pelas agências de notícias. Ela propõe, ainda, que o conflito estrutura o noticiário internacional a partir de narrativas carregadas de sentidos ocultos e enquadramentos pretenciosos. O conflito serve de base para que agências noticiosas usem narrativas que posicionam países de primeiro mundo no centro das atenções enquanto países peri-

féricos ficam isolados das coberturas jornalísticas, concatenando enredos de histórias mais ou menos completas que, na maioria das vezes, desencadeiam mais conflitos.

Para explorar a hipótese do conflito como base estruturante dos despachos das agências de notícias, pretendemos dar ao conflito um outro olhar, algo que sirva de reflexão. Vamos considerá-lo e enquadrá-lo a partir do jornalismo para a paz, em detrimento do jornalismo para a guerra. Essa abordagem permitiria que a cobertura jornalística sobre conflitos que ocorrem no mundo partiria de uma visão “construtiva e orientada para o futuro, e não destrutiva e orientada para o passado” (GALTUNG, 2006, p.151). A nosso ver, o conflito passaria de um entendimento negativo para uma reflexão positiva.

2. Alternativa para construir um consenso de paz

Autores como Galtung (2006) e Lynch (2007) advogam pelas técnicas de jornalismo para a paz, que é um agente de desenvolvimento principalmente pela criação da consciência crítica. Para os autores, sua estrutura e ética podem complementar as necessidades da democracia, assim como encorajar uma transição nas práticas de mobilização, mudar opiniões e atitudes e, inclusive, construir uma realidade mais honesta e equilibrada sobre as diversidades culturais. Em termos gerais, o jornalismo para a paz é um método que visa à melhoria das representações, da construção da realidade e da consciência crítica, o que pode atuar na formação de diferentes pontos de vista sobre o assunto.

Entendendo o conflito como uma relação entre duas ou mais partes que têm objetivos, necessidades e interesses incompatíveis (MITCHELL, 1981), muitos profissionais encontram na violência o viés para explicar, por meio das narrativas, situações geradas a partir dessa incompatibilidade. Desse modo, Lynch (2007), ao traçar novas diretrizes para uma cobertura, sinaliza para a necessidade de o jornalista investigar, além das causas de um conflito, as motivações culturais, temporais e sociais daqueles que estão em divergência. A ação descaracterizaria o pensamento linear e a previsibilidade apresentada no jornalismo de guerra e evidenciaria outros aspectos da cobertura jornalística. Galtung, baseado na premissa inicial de 1965, desenhou um esquema didático

para o chamado de jornalismo de paz, o qual traça diferenças contrastantes entre duas possibilidades de coberturas jornalísticas. O autor aponta que jornalistas assim como políticos têm tendência a se obcecarem por quadrantes onde as perguntas guias direcionam para o *jornalismo de guerra*: “Onde é a violência? Quem está vencendo?” Entretanto, ao lançar um olhar para a direção oposta encontra-se questões do *jornalismo de paz*: “Sobre que é o conflito? Existem soluções, com resultados aceitáveis e sustentáveis?” (GALTUNG, 2006, p. 178). De forma geral, a primeira situação está voltada para a guerra/conflito e baseia-se em orientações que incluem a violência, o pensamento da elite, a propaganda e o desejo de vitória. A outra, inspirada em atitudes de paz, representaria a aceitação de um panorama extralinear e multifacetado, capaz de absorver diferenças e lidar com elas para construir um consenso, ao invés de um conflito.

Para isso, Galtung (2006) sinaliza três caminhos (ou estudos) pelo quais há a possibilidade de entender e praticar a teoria geral da paz. São:

Estudos de conflitos habilitam-nos a defrontar ou abordar conflitos com empatia, não-violência e criatividade. *Estudos de paz* habilitam-nos a prevenir violência por intermédio de igualdade e equidade e *Estudos de reconciliação* habilitam-nos a prevenir violência futura por meio de cura e fechamento do ciclo, após a violência do passado (GALTUNG, 2006, p. 151).

Aqui surge a possibilidade de pensar em alternativas práticas para o tratamento jornalístico do valor-notícia conflito em uma perspectiva alinhada com o jornalismo de paz e de direitos humanos. Em conferência de abertura da 15ª SBPJor² sobre *Jornalismo e Direitos Humanos*, a professora e pesquisadora, Jyotika Ramaprasad, aponta algumas filosofias que podem auxiliar o jornalismo em defesa da paz. Partindo do “jornalismo de desenvolvimento”, como parte da necessidade de uma nova ordem mundial da informação, ela defende que:

As notícias de desenvolvimento devem examinar criticamente, avaliar e interpretar a relevância dos planos de desenvolvimento, projetos, políticas, problemas e questões. Deve referir-se às necessidades das pes-

² Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), fundada em novembro de 2003, busca agregar estudiosos de uma área específica do conhecimento e tem como propósito atuar em conjunto com todas as demais associações científicas ou acadêmicas ou profissionais já existentes. Atualmente conta com cerca de 500 sócios.

soas, que podem variar de país para país ou de região para região, mas geralmente incluem necessidades primárias, como alimentação, habitação, emprego; necessidades secundárias como transporte, fonte de energia/eletricidade; e necessidades terciárias como diversidade cultural, reconhecimento e dignidade (SHAH, 1988, p. 426 *apud* RAMAPRASAD, 2018, no prelo).

Em definição semelhante, ela coloca que o jornalismo de desenvolvimento propunha ir além da ‘objetividade’ e do mero telegrama da informação desconectada para dar aos leitores mais contexto à tomada de decisões. “Trata-se de aproximar as notícias dos interesses do leitor, humanizando seu conteúdo e tornando-o mais útil e positivo para o desenvolvimento local e nacional” (NAPOLI, 2002, p. 269 *apud* RAMAPRASAD, 2018, no prelo).

No entendimento da conferencista, mesmo o jornalismo de paz tendo entrado no domínio das filosofias jornalísticas antes mesmo do anos 1970 com Johan Galtung e Mari Ruge (1965), ele nunca se concentrou em soluções de paz. Para Ramaprasad, desde essa época que o jornalismo usa “quadros dualistas que desumanizam o outro, em vez de fornecer uma imagem equilibrada”. Como solução, ela aponta práticas do jornalismo comunitário, onde “o papel da imprensa não é apenas fornecer informações, mas também facilitar a mudança social”, uma noção derivada da filosofia Ubuntu³ da África do Sul, que atua como prática normativa baseada no jornalismo de respeito pela dignidade humana e que poderia atuar no jornalismo para paz.

Assim, ao tratar o conflito apenas como um valor-notícia desconexo de suas amplitudes, as agências de notícias fortalecem narrativas superficiais na maneira como cobrem os fatos, muitas vezes transformando conflitos em guerras ainda maiores.

³ O Ubuntu pode ser entendido como uma humanidade compartilhada, um aspecto do comunitário e um comportamento humano em relação aos outros (RABE, 2005, p.23 *apud* RAMAPRASAD, 2018, no prelo). Também se refere ao “afro-humanismo”, que inclui simpatia, cuidado, sensibilidade às necessidades dos outros, respeito, consideração e paciência. Curiosamente, Ramaprasad coloca que o conceito de ubuntu não é evocado em discussões jornalísticas sozinho, mas em discussões sobre ética da mídia.

3. Apontamentos conceituais e metodológicos

Neste artigo, vamos observar o conflito a partir dos valores-notícia e das narrativas subentendidas nos conteúdos produzidos pelas agências noticiosas e publicados nas seções de internacional dos webjornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. O objetivo geral é levantar os valores-notícia mais frequentes nos conteúdos de agências, identificando como os conteúdos com valor-notícia conflito são apresentados. Por meio da Análise de Cobertura Jornalística e da Análise de Conteúdo será possível identificar não só o conflito enquanto valor-notícia, mas as narrativas manifestas nas entrelinhas.

A escolha dos dois veículos não significa que se quis fazer emergir o discurso e os sentidos ocultos produzidos por estes veículos, mas que acreditou-se que a seleção de ambos responde a uma vontade de eleger um veículo que sirva de referência para o jornalismo online brasileiro de uma forma geral. Ao considerar a abrangência e a representação dos dois webjornais optou-se por trabalhar somente com *Folha* e *Estadão*, em detrimento de outros sites noticiosos existentes no país como UOL, R7 ou G1, por exemplo.

Para compor a parte empírica da pesquisa, partiu-se da técnica de seleção amostral denominada semana composta. De acordo com McCombs (In: De la Torre e Téramo, 2004, p. 48), a técnica permite obter uma amostra aleatória da informação contida nos meios de comunicação, evitando distorções como as que poderiam acontecer em uma coleta seguida. No caso, foram montadas quatro semanas construídas. A primeira semana iniciou em um domingo (1º de janeiro de 2017), estendendo-se até o sábado (18 de fevereiro de 2017), no espaço de sete semanas e tomando-se um dia de cada uma em sequência. Da mesma forma, a semana seguinte, iniciou-se em um domingo (26 de fevereiro de 2017) até o sábado (15 de abril de 2017), tomando-se, da mesma forma, um dia em cada semana, em sequência. As outras duas semanas construídas seguiram as mesmas regras, sendo que a terceira iniciou no dia 23 de abril de 2017 e encerrou no dia 10 de junho de 2017. A quarta, por sua vez, iniciou no dia 18 de junho de 2017 e encerrou no dia 5 de agosto de 2017.

Assim, foram coletadas amostras num espaço de 28 semanas, o que pode-se considerar como um mês de amostra distribuído em oito meses do ano. A mesma técnica foi

aplicada nos dois webjornais igualmente, sendo que os resultados desta etapa de “*clipping*” apontaram um total de 1.107 unidades de informação, somando os dois webjornais. Depois de definir o recorte inicial, chamado de Etapa 1, trabalhou-se com o refinamento das notícias planilhadas nesta primeira fase. O próximo passo – Etapa 2 – foi entrar em cada uma das notícias para verificar a origem da publicação, com o intuito de separar aquelas que não eram originárias de agências. Neste momento, delimitou-se o universo de análise da pesquisa, que nos remeteu a um total de 395 publicações de agências.

A partir da Análise de Cobertura indagamos de que maneira a narrativa das publicações se estrutura. Buscamos particularmente as construções narrativas, aquilo que não é dito, mas está presente. “[...] Sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2007, p. 82). Portanto, o dito traz consigo um pressuposto que não está materializado na narrativa, mas impressa a mesma com sua presença. Além disso, verificou-se se a construção das narrativas parte de um posicionamento que desperta a paz ou a guerra. Mas, não tivemos a pretensão de reconstruir todo o enredo das publicações, tampouco mapear todos os conflitos. Nosso esforço não foi organizar intrigas, mas de compreender a lógica e a estratégia das narrativas de agências na construção dos relatos sobre conflitos.

4. O conflito nos despachos de agências

Os valores-notícia são mediadores do interesse que os jornalistas atribuem a seu público, servindo como instrumento de análise daquilo que está estampado nas publicações, do que os jornalistas supõem ser relevante, ou daquilo que julgam importante vir ao conhecimento do público. Ou seja, por estarem intimamente atrelados aos acontecimentos, os valores-notícia dão pistas sobre os tipos de assuntos que estão sendo apreciados pelas agências internacionais de notícias em um determinado momento.

Para iniciar esta fase da análise, foram tabulados 467 valores-notícia – algumas publicações atendiam a mais de um valor-notícia – encontrados em cada uma das 395 matérias de agências publicadas nos dois webjornais.

O macro-valor-notícia conflito representa 79 publicações. Estas estão subdivididas em micro-valores-notícia (Tabela 1).

Tabela 1 – Subdivisão do macro-valor-notícia conflito

Micro-valores	Guerra	Rivalidade	Protesto	Disputa	Reivindicação	Briga	Greve
<i>Folha de</i>	10	8	-	6	3	-	2
<i>S. Paulo</i>							
<i>O Estado de S. Paulo</i>	21	4	10	3	5	5	2
Total	31	12	10	9	8	5	4

Fonte: Elaborada pela autora

O macro-valor-notícia conflito representa 16,92% dos valores-notícia presentes numa amostra de 395 publicações. O dado vem de encontro com o que a literatura especializada tem discutido. Los Monteros (1998) defende que o jornalismo internacional, especialmente o jornalismo de agências, tem como interesse principal as guerras, os conflitos e a violência. Já o pesquisador norueguês Johan Galtung, especialista em mediação de conflitos, justifica que essa característica é determinada pela “nossa cultura, especialmente a nossa cultura midiática”. Assim:

O pilar dos meios de comunicação é a violência, e reportar a violência é, por vezes, referido como expressão de “objetividade”. Parece que muitos jornalistas necessitam de bombas como despertadores (GALTUNG, 2006, p. 102).

De todo modo, ao observar as narrativas dos conteúdos produzidos pelas agências internacionais que têm o conflito como principal valor-notícia fortaleceu-se a hipótese de que o conflito é base estruturante para que as agências criem narrativas cada vez mais voltadas para a guerra. Para a análise, não obteve-se a pretensão de categorizar as informações por meio de protocolo de pesquisa, pois considerou-se que aspectos como estes manifestam-se nas entrelinhas, ou seja, na construção textual, na abordagem dada para a pauta ou no tipo de informação emitida. Esse esforço de pesquisa permitiu visua-

lizar uma realidade que orbita em volta de questões estereotipadas como, por exemplo, a descrição do sofrimento alheio, a falta de dignidade humana, a negação de políticas públicas ou, de forma mais contundente, em discursos de exclusão. Foram encontrados mecanismos de abordagem jornalística que permitem dizer que a possibilidade de um jornalismo para a paz, conforme defende Galtung (2006), ainda é distante.

Na reportagem “Iraque mantém mais de 1,2 mil supostos extremistas presos em ‘condições terríveis’, diz organização”⁴, por exemplo, produzida pela agência AFP e publicada em *O Estado de S. Paulo* no dia 14 de março de 2017, a fala: “pelo menos quatro prisioneiros morreram, em casos que parecem estar ligados à falta de atenção médica e condições (de detenção), e dois prisioneiros tiveram as pernas amputadas” reafirma e enaltece a falta de dignidade humana vivida pelos prisioneiros. No jornalismo para a paz, entretanto, o repórter se concentraria em questionar a organização Human Rights Watch (HRW), responsável por divulgar as informações, sobre que ações ela pretende fazer para auxiliar essas pessoas. Nesta narrativa, a dor alheia é acrescida pelo fato que as vítimas são prisioneiros, uma visão estereotipada de que não merecem dignidade.

Outro exemplo pode ser visto na publicação sob o título: “Protesto no Chile pede a extinção de dívidas estudantis”⁵, publicada na *Folha de S. Paulo* no dia 9 de maio de 2017. Na fala: “segundo repórteres da AFP o clima festivo e pacífico da marcha foi interrompido em vários trechos pela intervenção da polícia, que lançou bombas de gás lacrimogêneo e jatos de água nos manifestantes, que reagiram atirando pedras”, denota-se uma predisposição da reportagem em mostrar algum tipo de conflito. Isso não quer dizer, entretanto, que no jornalismo para a paz omite-se informações, pelo contrário, busca-se contornar a informação de forma que ela possa contribuir com o texto. Nesta mesma reportagem não foi possível identificar quaisquer outras informações relacionadas ao conflito entre os policiais e os estudantes, nem mesmo as fotos mostram isso.

⁴ Disponível em <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,iraque-mantem-mais-de-1-2-mil-extremistas-presos-em-condicoes-terríveis-diz-organizacao,70001698911>. Acesso em 18 de abr de 2018.

⁵ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/05/1882429-protesto-no-chile-pede-a-extincao-de-dividas-estudantis.shtml>. Acesso em 18 de abr de 2018.

Mais uma vez, uma visão estereotipada de que se é um protesto que envolve estudantes, tem de conter algum aspecto de violência.

Na reportagem especial sobre cocaleiros do sul da Colômbia produzida pela agência AFP e publicada em *O Estado de S. Paulo* no dia 2 de fevereiro de 2017 sob o título: “Cocaleiros do sul da Colômbia temem futuro sem as Farc”⁶, é possível observar como o jornalismo de desenvolvimento, uma das opções para se chegar ao jornalismo para a paz, proposto por Ramaprasad (2018), está longe de ser realidade. Já na linha de apoio, onde consta a descrição: “moradores de policarpa, empobrecido município do sul do país”, ao trazer o adjetivo empobrecido, a reportagem evidencia um entendimento estereotipado do local que há anos é refém das Farc⁷. No decorrer do texto, as falas dos personagens nada mais dizem do que negar que um acordo de paz entre o governo e as Farc possa ter algum resultado. A fala: “o temor é que quando os guerrilheiros forem embora, a segurança acabe” não condiz com o jornalismo de desenvolvimento proposto pela autora. Enquanto ela defende que “as notícias de desenvolvimento devem ser úteis e positivas para o desenvolvimento local e nacional”, a reportagem se limita a dizer que a extinção da coca será um problema.

A notícia da agência norte-americana, Associated Press, publicada na *Folha de S. Paulo* no dia 10 de junho de 2017 sob o título: “Polícia prende mais dois suspeitos de ligação com ataques em Londres”⁸ traz uma clara evidência de que a narrativa praticada pelas agências internacionais de notícias está voltado para a guerra. Ao assumir a fala: “uma cópia do Alcorão aberta em uma página ‘descrevendo o martírio’ também foi encontrada nas casas de um dos terroristas” o repórter faz uma séria insinuação de que este fato foi decisivo para a polícia prender os suspeitos. Além de caricaturar os suspeitos como muçulmanos, por meio de um discurso de exclusão. Mesmo a publicação tendo como valor-notícia principal a justiça/prisão, ela foi classificada também com o valor conflito/guerra, pois se trata de assunto ligado a ataques terroristas.

⁶ Disponível em <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,cocaleiros-do-sul-da-colombia-temem-futuro-sem-as-farc,70001650470> . Acesso em 18 de abr de 2018.

⁷ Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

⁸ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1891931-policia-prende-mais-dois-suspeitos-de-ligacao-com-ataques-em-londres.shtml> . Acesso em 18 de abr de 2018.

Esta seção de análise remete a pesquisas como a dos pioneiros Johan Galtung e Mari Ruge que, na década de 1960, já se preocupavam em criticar a forma como a cobertura de eventos estrangeiros com valor-notícia conflito era feita. Àquela época, eles relatavam a necessidade de abordagens alternativas para isso. Contemporaneamente, também identificou-se pesquisadores com a mesma preocupação, estes voltados para o jornalismo para a paz, como Galtung (2006), Lynch (2007), Ramaprasad (2018), entre outros.

Considerações finais

Nas publicações observadas nesta pesquisa, um tema tornou-se parte principal, a violência. Essa palavra passou a definir qual é a informação mais importante, que dá substância a narrativa. A interpretação dos leitores pressupõe, portanto, uma visão de mundo ancorada na violência. Quem escuta, vê ou lê alguma notícia internacional produzida por agências internacionais pode efetuar uma compreensão que nem sempre é capaz de significar sua totalidade.

Cremos assim que, durante o período de análise, foi construída uma narrativa jornalística estruturada segundo o conflito e a violência. O conflito não é criado pelo jornalismo ou pelas agências, evidentemente, de maneira proposital, ele é do jogo, da necessidade de as agências venderem seus conteúdos.

Neste caso, o conflito (enquanto ingrediente básico do drama) funciona como elemento estruturador da narrativa jornalística, que dualiza o mundo em países ricos e países periféricos, além de reforçar uma visão estereotipada de mundo.

Para finalizar, é cômodo para os jornalistas utilizar o conflito como categoria de enquadramento para expressar disputa, enfrentamento, oposição entre um e outro ou entre um país e outro. Isso facilita a tarefa da reportagem, dá audiência, porém, o excesso de conflitos presentes nas publicações originárias de agências pode não corresponder proporcionalmente com o que se passa no mundo e na realidade social. Pelo contrário, muitas vezes acaba por fragilizar ainda mais a realidade de um lugar.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, 2011.
- GALTUNG, Johan. **Transcender e transformar: uma introdução ao trabalho de conflitos**. São Paulo: Palas Athena, 2006.
- GALTUNG, Johan; RUGE Mari Holmboe. **A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros**. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1999.
- GITLIN, T. **The Whole World is Watching**, Berkeley, 1980.
- LOS MONTEROS, Guillermo Garcia Espinosa de. **“Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero”**. In: **Foto Internacional**, nº 152-153, Mexico: Hemeroteca Virtual/UNAM, 1998.
- LYNCH, Jake. **A course in Peace Journalism**. In: **Conflict & Communication online**. Vol. 6, nº 1, Berlim, p. 1-20, 2007.
- MCCOMBS, M. In: DE LA TORRE, L.; TÉRAMO, M.T. **La noticia en el espejo**. Medición de la, Buenos Aires: Universitas, 2004
- RAMAPRASAD, Jyotika. **Journalism as if the people Mattered**. SBPJor, 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, ECA/USP, São Paulo, 2018. No prelo.
- ORLANDI, E. L. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos** (1o. Edição: 1990, Ed. Pontes). 2o. Ed. Campinas: Pontes, 2007.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror: Comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005.